O jogo-do-pau como representação de estatuto e hierarquia nas sociedades tradicionais[1]

MONTEIRO, Miguel Monteiro, ”*Mínia,* Braga, 1997

> “Sob o ponto de vista da sua natureza e significado culturais, e contexto geral em que se integrava, o jogo do pau apresentava-se sob duas formas totalmente diversas, às quais correspondem, sob alguns aspectos, outros tantos tipos de jogo: 1) o jogo-combate, que é uma luta propriamente dita e autêntica, tendo em vista dominar ou inutilizar efectivamente o ou os adversários: e 2) o jogo-desporto, torneio atlético e tema de espectáculo, combativo mas sem quaisquer intuitos agressivos, em que se pretende apenas pôr à prova e exibir dotes ginásticos e apuros de técnica e estilo a ver quem jogo melhor”[2]

Veiga de Oliveira, nesta interpretação, coloca o jogo-do-pau na perspectiva das funções: combate e desporto. No entanto, como acto social a que o autor faz breves referências, outras incidências de análise poderão ser perspectivadas, não só através do objecto material utilizado no jogo, mas também através da estrutura social e das práticas, as quais se enquadram em representações simbólicas instituídas pelos actores sociais num determinado espaço e que são produzidas e reproduzidas no tempo, apresentando significações distintas e estruturantes na comunidade.

---

1 Comunicação apresentada no Seminário: “Tradição e Modernidade - o Resgate do Jogo do pau em Fafe”, org. Câmara Municipal de Fafe, 11 de Julho de 1997

2 Veiga de Oliveira, Ernesto, *Festividades Cíclicas em Portugal*,Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984, pp.320-321

> "É de saber que Luís Lopes, António Manuel e José Vieira, que ainda vive, foram, em anos verdes, três denodados jogadores de pau, e tamanho terror incutiram nas cercanias de Fafe que bastaria a qualquer deles, para vencer a sua , mandar o pau e não ir ... (...)
>
> As mais memorandas façanhas dos Vieiras tinham o seu teatro na celebrada romaria da Senhora de Antime. (...) Nesta casa nasceram o desembargador Luís Lopes Vieira de Castro, e o ministro dos estrangeiros e da marinha António Manuel Lopes Vieira de Castro.(...) A casa dos Vieiras é a única que mantém ainda a despeito da equitativa carta constitucional, as prerrogativas e imunidades do couto".[3]

A interpretação de Veiga de Oliveira, as referências descritivas da natureza social da prática e o extracto Camiliano levou-nos a formular, como método, as seguintes perguntas:

Em que medida é que o jogo-do-pau se inscreve na construção simbólica da elite rural no contexto da estratificação social tradicional do Minho?

Qual o sentido do resgate do jogo-do-pau em Fafe, como indicador da tradição, face aos indicadores de modernidade?

Excluindo as vertentes etnocêntricas, situamos a nossa análise nas vertentes sociológica e antropológica, procurando apresentar alguns argumentos interpretativos no quadro das estruturas e contextos económicos, sociais e culturais do Minho Interior.

Perspectivamos a nossa pesquisa empírica na observação, procurando, no jogo-do-pau, as ritualizações sociais e as possíveis significações simbólicas, através de diferentes testemunhos e fontes, nos sentido de «*por um lado construir o documento e, por outro, acumular informação sobre o mesmo povo para contextualizar melhor o seu*

[3] Castelo Branco, Camilo, *Memórias do Cárcere*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, Lª, 1862

comportamento e, também, para que se possa adquirir saber através da comparação das formas culturais».[4]

Partimos para a interpretação dos problemas enunciados com o conhecimento que possuímos da realidade da região do Minho e particularmente dos concelhos de Basto e Fafe, formulando as seguintes hipóteses:

1 - O jogo-do-pau constituiu uma representação social dos indivíduos do sexo masculino e proprietários rurais e, acompanha um conjunto de significações de classificação social positiva, definidoras do estatuto de elite camponesa, exibido nas feiras e romarias, em oposição aos jogos dos socialmente desclassificados e desclassificadores dos pastores, crianças (nos quais prevalece o lúdico, a ausência de regras e de significações hierarquizantes), praticados em momentos temporalmente indistintos;

2- Nas sociedades camponesas, particularmente no Minho Interior, os proprietários, como membros de uma elite rural, tinham no jogo-do-pau, como briga, uma das formas de exibição do seu estatuto, constituindo o "pau de lodão" um dos seus referentes simbólicos, enquanto que nas sociedades modernas, de tipo urbano, aquele jogo, como todos os outros jogos tradicionais, incorporavam significações socialmente desclassificadores.

3 - Os jogos da modernidade possuem significações que se distinguem dos tradicionais, através de novos materiais, símbolos e significações, pelos lugares de acção, pelos contextos de participação, comunicação e (des)identificação dos actores.

Veiga de Oliveira, ao analisar "o jogo do pau em Portugal", e referindo-se ao objecto utilizado neste jogo, chama-lhe varapau, associando-o indiscriminadamente a

[4] Iturra, Raul, "Trabalho de Campo e Observação Participante em Antropologia", Santos Silva, Augusto e

instrumentos funcionais dos pastores, rondadores, viandantes, feirantes, ou a objecto arma, no pressuposto de uma sociedade igualitária.

O autor interpreta este jogo apenas a partir das funções que ele cumpre: combate e desporto, utilizando indistintamente as expressões: pau, a vara, varapau, cajado, para se referir ao instrumento com o qual se joga.

Estes objectos, sendo feitos do mesmo material, não são iguais no tipo e na forma e não cumprem as mesmas funções práticas: arma, objecto de apoio para descanso, apoio ao carrego de pesos, como diz Veiga de Oliveira.

Como ideia inicial, entendemos que os actores do jogo-do-pau não ocupam os mesmo lugares na estrutura social, tendo em conta que a sociedade camponesa é fortemente hierarquizada e, que "*a hierarquia compreende uma multiplicidade de indicadores económicos e sociais de diferenciação*" [5]. Cada grupo social possui referentes simbólicos de identificação e diferenciação, demonstrado no facto de sabermos que o cajado é um objecto próprio dos pastores e que estes não ocupavam o mesmo lugar social dos proprietários.

Para fundamentar as hipóteses levantadas, dando resposta aos problemas formulados, partimos das "Memórias do Cárcere" de Camilo Castelo Branco, cujas notas foram tomadas em 15 de Junho de 1860, tendo ele estado presente nas festas da Senhora de Antime [6], e residido na Casa do Ermo, freguesia de Passos, concelho de Fafe, como particular amigo de José Cardoso Vieira de Castro.

As notas camilianas apontam para uma importante trilogia social-simbólica camponesa: a família; aqui ilustrada pelos Vieiras de Castro, os jogadores, como membros da elite

---

Pinto, José Madureira, (orgs,), *Metodologia das Ciências Sociais*, Afrontamento, Porto, 1986, P.152

[5] O'Neil, Juan Brian, *Proprietários, Lavradores e Jornaleiros*,Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984, *p.32*

rural local e os territórios de briga como lugares da representação do prestígio e de distinção social (feiras e romarias).

Situados no quadro das sociedades tradicionais, o jogo-do-pau é marcadamente próprio dos habitantes do Minho Interior e particularmente das regiões de Fafe, Basto e das terras do Barroso, ainda que tenha sido, eventualmente, exportado para o Sul de Portugal por via da migração interna [7].

> "O jogo do pau teve em Portugal uma expansão e uma importância muito grandes até tempos recentes. Distinguimos duas áreas principais em que ele se praticava: uma área nortenha, compreendido as províncias de Entre Douro e Minho, Beira Alta e Beira Interior; e outra, compreendendo o Ribatejo e parte da Estremadura, incluindo Lisboa".8

Hoje não se joga-o-pau, nem se luta com o pau. Isto é, não existe uma prática social que utilize este objecto como atributo simbólico significativo, não constituindo um identificativo de grupo social, observando-se apenas tentativas folclóricas do que se perdeu e que, com alguma nostalgia, alguns grupos amadores nortenhos, particularmente em Fafe e Cabeceiras de Basto, procuram preservar como ideia romântica do passado, para exibir em actos encomendados, fora do espaço e do tempo, como é o caso da atitude competitiva de "atletas, ginasticados e disciplinados" em Lisboa, facto que é justificado no título que os organizadores deram a este seminário: "Tradição e Modernidade: o resgate do jogo do pau em Fafe".

---

[6] Monteiro, Miguel, "Cultos e Ocultos de Montelongo", *Mínia* - 3ª Série - Ano II - 1994, pp,105-136

[7] Monteiro, Miguel T. Alves, *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834-1926) - territórios, itinerários e Trajectórias*, Braga, Universidade do Minho, 1996

[8] Veiga de Oliveira, Ernesto, *Festividades Cíclicas em Portugal*,Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984, pp.320

Estratificação social no Concelho de Fafe

Eram os Vieiras, segundo o texto de Camilo, senhores de uma "casa magnífica" e na vizinhança eram "*casinhas de jornaleiros, que vieram ali procurar a sombra do afidalgado edifício*", destacando ainda como personagem da vizinhança, uma moleira da azenha.

Dado que o social não pode ser reduzido ao individual, impunha-se conhecer a estrutura social fafense, pelo que, o recenseamento eleitoral de 1881/82, ao identificar as profissões dos eleitores e os rendimentos líquidos dos elegíveis a deputados, nos permitiu verificar que nem todos os proprietários eram elegíveis, que outros eram apenas eleitores e a grande maioria estava excluída do processo eleitoral, havendo ainda outras complexas formas de hierarquia num mundo rural.

Assim, visto na perspectiva do exercício do acto eleitoral, com forte peso simbólico, estabelece-se a diferença entre os proprietários elegíveis e não elegíveis; ou seja, distinguem-se: os proprietários ricos elegíveis; os proprietários e agricultores eleitores; e os excluídos do processo eleitoral, considerando às condições eleitorais impostas pelo Decreto de 30/09/1852.[9]

Face aos dados colhidos definimos a seguinte escala:

I- No topo da hierarquia situava-se a elite dos proprietários, negociantes e letrados eleitores e elegíveis (437; 4% da população activa)

II- Os proprietários eleitores não elegíveis (1600; 13% da população activa). Os agricultores, artesãos, jornaleiros e outros eleitores não elegíveis (classe média) 2570; 21% da população activa)

III- Os Excluídos do processo eleitoral “os desclassificados”; (7536; 62% da população activa), incluindo as mulheres casadas não referenciadas no rol eleitoral, dado que este se baseava na tributação sobre o cabeça de casal.

Excluindo os aspectos particulares da restrita elite aristocrática tradicional [10], destacamos:

1 - Os proprietários agrícolas têm uma posição social forte e activa junto da comunidade, aparecendo como os mordomos das festas; são líderes das procissões, pegando ao pálio; fazem os peditórios para a igreja (representados pelos filhos); ocupam os lugares cimeiros durante os momentos do culto na igreja; são sepultados à entrada ou em lugar de destaque no cemitério que mandaram fazer, em pedra lavrada, para a família.

Têm propriedades agrícolas compostas por casa de granito de dimensão notória, montes e gados de grandes porte: sempre mais do que uma junta, que mantêm durante todo o ano e suas crias.

Avaliam as suas propriedades através do gado de grande porte, do milho produzido e do estrume: pelo número de cabeças de gado e pelo número de carros de milho, extrapolam da dimensão da terra arável e, pelos carros de estrume produzidos, conhecem a dimensão dos montes e sua capacidade de fornecimento de matos fertilizantes. Deste modo, exibem o seu poder e prestígio perante os locais e posicionam-se para, no mercado matrimonial, casarem os filhos/as com os do mesmo grupo. Nenhum dos filhos emigram para actividades sazonais. Deslocam-se a cavalo, exibindo-se em lugares públicos.

---

9 Recenseamento dos eleitores e elegíveis para deputados e mais cargos públicos, a que se procedeu para o ano de 1881 a 1882, Arquivo Municipal de Fafe.

10 “Brasões do Concelho de Fafe”, *Cadernos Culturais*, Fafe, Câmara Municipal de Fafe, 1986

Por questões de prestígio, não têm gado de pequeno porte, sendo este facto indicador, na parte sul do concelho, de condição social inferior.

Matam, todos os anos em Dezembro, um ou mais porcos, conservando a carne em sal durante o ano, exibindo na larga cozinha os enchidos feitos da mesma carne.

Não afirmam a sua condição de poderosos, mas influenciam, quase sempre, as decisões locais, preferindo fazê-lo de forma implícita. Controlam as propriedades, vigiam secretamente os caseiros, forçando-os ao cumprimento de obrigações. Raramente saem, senão por razões sociais, comerciais, ida a banhos, regulando e negociando permanentemente a sua posição de liderança na freguesia e no concelho.

Sentem-se permanentemente ameaçados pelos do mesmo grupo. Protegem a posição da casa, gerindo as opções matrimoniais dos filhos e a herança da casa. De entre eles, optam, preferencialmente, pelo não casamento das filhas e dificultam ou intervêm nas opções matrimoniais dos rapazes.

Definem qual dos filhos vai estudar (normalmente para os seminários - de onde sai o padre que constitui a honra da família), qual deles segue a carreira militar ou se opta pela sua colocação como caixeiro na cidade ou, ainda, se vai para o Brasil com fiança do próprio pai.

Tudo é feito com discrição e algum segredo, o que dá coerência a um comportamento aparentemente alheado e discreto.

Manifestam uma atitude de cumprimento fiel das obrigações formais da religião, ocupam sempre o mesmo lugar na igreja, o qual se distingue por ser o mais visível e proeminente, constituindo uma afirmação territorial hierárquica própria, legítima e com direito a sucessão. Ou seja, um dos filhos varões virá a substituí-lo naquele lugar.

Esperam que o filho retorne rico do Brasil. Se ele não tem sucesso não retorna, fazendo-se constar que está muito rico. Se tem o sucesso esperado, regressa à terra para confirmar as expectativas nele depositadas.

Se ultrapassa as expectativas, muda-se para a vila, para a cidade mais próxima ou para as "capitais": Braga, Porto ou Lisboa; ou então, depois de permanente "vai e torna", instala-se definitivamente no Brasil.

Se ele é produto de retorno definitivo do Brasil, a forma primeira de identificação realiza-se na construção da casa, como primeiro indicador da família, das relações sociais simbólicas, das estratégias domésticas preestabelecidas e da reprodução e transformação social, como novo efeito colectivamente avaliado.

É o primeiro industrial da terra. Chega casado com uma Brasileira de origem Portuguesa, Italiana ou Austríaca, ou, se vem solteiro, casa com a filha de um proprietário, como reforço simbólico do prestígio alcançado.

Como a sua posição é produto de retorno do Brasil, a casa apresenta os elementos dessa condição: grades de ferro, janelas altas, tem árvores exóticas, vasos, portões altos, gradeamentos, lagos, caramanchão, azulejos, águas furtadas ou lanternins, tem criadas/os a viver em tempo inteiro na casa e com funções distintas.

Visita as quintas e gosta de acompanhar as tarefas agrícolas dos caseiros. Vai com frequência à vila para falar da política com os amigos, da vida que teve no Brasil e dos bens que ainda lá possui. Frequenta os casinos e clubes que fundou ou ajudou a fundar. Apoia o jornal do seu partido, onde aparece referido sempre que faz qualquer doação de carácter filantrópico, quando chega do Brasil, quando a mulher ou algum dos filhos casa, quando se ausenta da terra para Lisboa, ou vai a banhos.

Na sua casa há livros, algumas revistas sociais e um piano, ainda que ninguém o toque, funcionando como objecto de decoração e valor simbólico. Negoceia publicamente o casamento das filhas, forçando o seu casamento com indivíduo de igual condição. A mulher é uma protectora dos pobres, uma íntima do padre, benemérita da igreja, acompanha as filhas em visitas a amigas da mesma condição, tem primos e primas com quem troca correspondência, acompanha os namoros secretos das filhas, com quem podem não chegar a casar, por decisão dos pais.

Tem ideias políticas arrojadas, fala de viagens de comboio e de barco, mas nunca confessa como ganhou dinheiro no Brasil. Apela à honra e ao trabalho que lhe deu sucesso e nunca é contestado.

Manda construir um mausoléu para a família para onde manda transladar os pais, de que é um devoto e a eles apela como referenciais da sua sorte, posição e conduta.

Se instala na cidade, participa na vereação, é mesário das confrarias, benemérito das instituições, viajante, letrado, capitalista, o que justifica a sua falta de ocupação. Vai ao clube, lê os jornais em lugar público, veste-se de branco, traz um óculo que utiliza em todas as ocasiões, é procurado para dar conselhos, papel em que se insinua e cultiva. É conhecedor dos segredos do sucesso, padrinho dos filhos que tem secretamente. Mantém regularmente uma amante, situação que todos ignoram voluntariamente. Chega a Presidente da Câmara. Faz doações para a igreja, mas diz-se não religioso. Tem os filhos a estudar nos colégios ou em Coimbra. Não há novidade na cidade que não surja pelas suas próprias mãos. Cultiva a inimizade política. No seu túmulo prefere o seu busto ou uma imagem escultórica feminina com ar de uma qualquer santa, aos sinais cristãos.

Tem casa na grande cidade, onde frequenta a ópera e o teatro, frequenta as termas, vai a banhos à Póvoa do Varzim, joga no casino. Aparece reconhecido na toponímia da cidade e após a morte, faz-se perpetuar em retratos a óleo, na galeria dos doadores e beneméritos da Confraria da Misericórdia local.

Em ambos os casos, o sucesso geracional dependeu de vários factores: do poder e grau de prestígio do ascendente, da adequada aplicação de capitais, da forma como foram geridas as estratégias matrimoniais, a herança e a instrução. Estes factores facilitaram a ocupação de cargos de destaque público na administração, deslocando-se alguns dos descendentes para a grande cidade, reflectindo-se o quadro social e familiar de origem.

O insucesso geracional decorre da má aplicação das economias em acções e propriedades agrícolas, ambas sujeitas às depressões e crises económicas, levando à falência de algumas famílias, e também devido ao empenhamento excessivo na vida político-partidária, sem que viesse a obter resultados desse envolvimento.

O modo como é gerida a memória da família leva a que a comunidade mantenha em reserva a família, respeitando a excelência do passado dos ascendentes, na expectativa de novo momento de sucesso igual aos seus ascendentes, a que todos se referem.

As expressões : "tal pai tal filho" e "quem sai aos seus não degenera", "filho de peixe sabe nadar", reproduzem uma ideia interiorizada pelo colectivo de reprodução de estatutos e da estratificação social, aplicado como sendo de valorização e legitimação dos ricos bem sucedidos e seus descendentes.

Mais exigente era-se com os pobres e socialmente desprestigiados com a expressão: "quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita" e "nunca peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu".

Constituem o grupo dos eleitores e elegíveis a deputados e ao município.

2- Este grupo é composto por pequenos proprietários, agricultores e comerciantes (estes são por vezes donos de pequenas propriedades), definível como grupo intermédio, sociologicamente ambíguo, podendo alguns deles aproximar-se dos do grupo 1.

Têm casa própria, propriedade de pequena ou média dimensão, que se encontra dividida entre terra de regadio e sequeiro. Conseguem ter uma ou mais juntas de animais de grande portes.

Por vezes, vendem alguns animais no Inverno, por incapacidade de os alimentar. Têm alguns animais de pequeno porte: ovelhas ou cabras e negoceia as crias. Alimenta um porco para alimentar a família no Inverno. O agregado familiar é composto pelo casal, descendentes directos e um criado.

Colocam os filhos na cidade como caixeiros, suportando as custas desta aprendizagem, donde saem para o Brasil. Constituem a força produtiva da comunidade e parte integrante da sua dinâmica produtiva.

Têm grande capacidade em diversificar a obtenção de rendimentos provenientes de várias fontes, como pequenos negócios e ofícios.

Caracterizam-se como os que mantêm durante o ano um rendimento regular e suficiente para manter a família e cumprir obrigações perante as autoridades civis e religiosas.

Cuidam do bom nome e negoceiam uma posição estável na comunidade.

Não valorizam a instrução, dado que para eles é mais importante a força do trabalho do que o saber. Tiveram todo um percurso no Brasil, em trabalho dependente, sem nunca construírem aí negócio próprio.

No retorno, são frequentadores das feiras e animadores das romarias. Se saíram em família para o Brasil não regressam. Se saem individualmente reforçam a posição

familiar, pagam as dívidas, compram pequenas quintas, aumentam a casa mãe, introduzem melhorias na exploração agrícola, adquirem prestígio.

Não se apresentam com tiques vincados do "Brasileiro" rico e urbano, reproduzindo as mesmas vivências do lugar e do tempo de saída.

Constituem, no quadro eleitoral, o grupo dos eleitores não elegíveis a deputados.

3-Neste grupo situam-se os desclassificados, composto pelos do grupo anterior que têm dificuldades em cumprir as obrigações referidas, ou não as cumprem com regularidade, gerindo com deficiências o quotidiano, apresentado comportamentos que dificultam a sua capacidade negocial de permanência na mesma quinta como rendeiros ou caseiros. É o grupo dos artesãos, pedreiros, carpinteiros, mineiros e colmadores, às vezes trabalhando numa pequena terra, arrendada e pouco produtiva.

Se são donos de pequenas parcelas de terra, mantêm-se em permanente situação de negociação de dívidas, chegando mesmo a ter de as vender, ocupando, por isso, em pleno, o lugar do fundo. Aceitam qualquer posição de sobrevivência. São criados de servir, muito dependentes, apresentam fraca mobilidade social e pouca capacidade negocial, dada a fragilidade da sua posição económica. Como criados, vivem em casa dos senhorios a tempo inteiro, permanecendo solteiros na casa ou se casam, fazem-no com outras criadas ou jornaleiras. Podem permanecer na casa ou sair como caseiros para alguma propriedade próxima ou em outras freguesias, negociando a sua juventude no arrendamento.

Na família, existe uma ou duas cabras que alimentam de leite, as crianças. Saem para o Brasil em família ou protegidos e afiançados pelo patrão da terra se são caseiros. Se têm sucesso no Brasil, na geração seguinte dá-se a regressão social por falta de estratégias:

nem sempre investem na instrução dos filhos, negoceiam deficientemente a herança e o casamento, rarefazendo novamente a propriedade acumulada, surgindo os netos na posição de empregados comerciais e domésticas.

Constituem a mão-de-obra que fica disponível, após as colheitas, saindo em Setembro e Outubro para o Alentejo, ou emigram para o Brasil como engajados (contratados), clandestinos, apoiados por algum proprietário ou "Brasileiro" da terra e raramente retornam, senão para rever os pais: «O filho voltou ao Pará; e, ainda que lhe deixasse cabedais bastantes para viver com folga, ela retomou os seus farrapos, o seu engaço com que removia o tojo podre dos chiqueiros, e em breve estava tão sórdida como antes.»[11]

Constituem, no quadro eleitoral, o grupo dos excluídos. Não são eleitores nem elegíveis.[12]

O jogo-do-pau como exercício de distinção social rural

Um dos nossos informadores, natural da região de Basto, e velho jogador, diz-nos que desde criança ouvira histórias do jogo-do-pau e das façanhas dos jogadores realizadas em feiras e romarias, as quais estavam associadas a homens “notáveis” e destacados lavradores-proprietários, confessando que criara, assim, as suas primeiras imagens destes seus heróis: eram homens, fortes, ágeis e proprietários e que, antes mesmo de construir a consciência de si próprio, ouvira histórias das bravuras dos Iteirinhos, como

[11]Bessa Luis, Agustina, *A Sibila*, Lisboa, Guimarães Editores, 1995, pp.39-40

[12] Monteiro, Miguel T. Alves, *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834-1926) - territórios, itinerários e Trajectórias*, Braga, Universidade do Minho, 1996

dois irmãos, solteiros, já de avançada idade, onde se adivinhavam aqueles antigas qualidades.

O modo como eram conhecidos (o Quinzinho e o Francisquinho da casa do Iteirinho), fazia deles pessoas de particular deferência como era hábito no Minho. A sua casa era de largo granito, com um grande portal de entrada o qual marcava um pátio agrícola interior - o eido. A casa, na década de setenta, apresentava já os sinais da decadência, como eram os tempos vividos por alguns proprietários de então.

Eram as últimas referências de um tempo que identificava os locais pelos nomes de família e da casa: os da Casa do Lopes, os da Casa dos Ferreiras, os da Casa do Marialves, os da Casa dos Nunes, os da Casa Boavista, os da Casa do Catalão, os da Casa da Fonte, os da Casa d'Além, os da Casa dos Cunhas, os da Casa da Oxa, os da Casa do Ribeiro, etc.

Nos do Iteirinho, conhecidos como velhos mestre do jogo-do-pau, recordavam-se as bravas façanhas havidas nas Feiras de São Miguel, em Cabeceiras de Basto, como um dos palcos eleitos para refregas entre filhos de proprietários e heróis do "lodo", exaltando-se as corridas de cavalos e as refregas do "pau".

> "E era o «varrer» da feira ou do terreiro, refregas épicas, verdadeiras lutas campais, de paus que cruzavam no ar, no furor das pancadas, num jogo largo de feira ou «varrimento» (...), entre nuvens de pó, no meio da gritaria das mulheres que fugiam em todas as direcções"13

Outros espaços eleitos para a representação das elites eram, além daquela, as Feiras de Vieira, de Chaves, de Fafe, de Ponte de Lima; as feiras de ano ou feiras francas, que então constituíam os momentos de celebração, onde os proprietários exibiam os

---

[13] Veiga de Oliveira, Ernesto, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984, pp.323-324

caseiros, os gados e as filhas devidamente enfeitadas com grossos cordões e brincos de oiro, verdadeiros mecanismos de mediação de estatutos sociais diferenciados.

Contavam-se, também, como tempos de refregas e de bravuras, as romarias, menos mercantis do que as feiras, mas igualmente eleitas para festejos e brigas masculinas. nas quais as mulheres cumpriam promessas aos santos, participavam nas procissões e se exibiam em estridentes cantares religiosos e profanos.

Tanto numas como noutras era obrigatória a participação dos heróis da briga já esperadas ou anteriormente anunciada.

> "As mais memorandas façanhas dos Vieiras tinham o seu teatro na celebrada romaria da Senhora de Antime. Aí apareciam os três campeadores mascarados, como era de uso em mancebos de famílias de alto porte. As máscaras afiavam as chanças de outros chibantes, e deste gracejar de mau agouro procedia o partirem-se as caras por debaixo das máscaras, como se as não quisessem para outro mister, ou as sacrificassem à padroeira da romagem, como os índios se estiram sob as rodas das carroças dos seus ídolos"[14].

O território humano rural era preenchido com a presença das mulheres. De entre estas figuras particulares desatacavam-se as mulheres dos proprietários, que semanalmente se reuniam no fim da Missa de Domingo, no adro da igreja, reconhecendo-se a todas elas o parentesco próximo, não se adivinhando o assunto de tão longas, sistemáticas e monocórdicas conversas, senão que todas elas tinham sido casadas por decisão dos pais e que todas tiveram amores que ficaram por oficializar

Possuindo um lugar privilegiado na comunidade rural*: "nunca fazem qualquer das fainas mais pesadas, executadas com tanta frequência pelas mulheres dos lavradores*

[14] Castelo Branco, Camilo, *Memórias do Cárcere*, Lisboa, 1º Ed., Parceria A. M. Pereira, Lª, 1862

ou pequenos agricultores"[15]., eram as vítimas ignoradas no silêncio de estratégias matrimoniais negociadas dos nomes de família e das propriedades.

Constituíam-se como poderosas parideiras de filhas solteiras, filhos padres, académicos em Coimbra e militares, senhoras de uma vida secreta, autoritária e distante. Religiosas de exemplo, distinguiam-se das mulheres dos caseiros e das jornaleiras, pela ausência nas romarias e outros folguedos populares, ou reservam, nestes momentos, um lugar distante.

Os filhos dos proprietários figuravam nas mais importantes romarias da região: as festas da Lagoa, Fafe; da Senhora de Antime, Fafe; do Viso, Celorico de Basto; da Senhora da Graça em Mondim e algumas bem distantes de Fafe, como a da Senhora da Lapa ou da Senhora dos Remédios, Lamêgo.

Camilo diz-nos que na Senhora Antime, em Fafe, *"os Vieiras tinham o seu teatro na celebrada romaria*" e que os rapazes exibiam em prece votiva o carregar do pesado andor da Senhora do Sol, reclamando divinas dádivas à fecundidade, onde apareciam os três (Vieiras) campeadores como era de uso em mancebos de família. [16]

Estes proprietários tradicionais eram possuidores de capitais simbólicos ciosamente herdados e guardados, cuja valoração ultrapassava a dimensão do quantificável das sociedades modernas, impunham-se na dimensão das representações ritualizadas, e incorporavam a imaterialidade tradicional, que percorria o funcionamento implícito de hierarquias demarcadas. Estas hierarquias eram explicitadas no permitido e exigido a uns e proibido ou tolerado a outros, como sinais de diferença entre os membros da comunidade ou famílias.

---

[15]Brain O'Neill, Juan, *Proprietários, Lavradores e Jornaleiros*, Lisboa, Publicações D. Quixote, *p.107*

[16] Monteiro, Miguel, "Cultos e Ocultos de Montelongo", *Mínia* - 3ª Série - Ano II - 1994, pp,105-136

Os Vieiras: proprietários e jogadores do pau.

António Vieira foi ministro dilecto de D. Maria II, mestre dos liberais, o amigo e conselheiro dos Passos, de Silva Carvalho e dos mais extremados estadistas da escola robustecida na emigração. Luís Lopes, o desembargador, pai de José Cardoso Vieira de Castro, trabalhou na Relação do Porto e em Angra do Heroísmo, onde esteve como Juiz de Fora.

José Vieira era vivo em 1860 e conservava ainda o *"extraordinário vigor de pulso, e afoitezas, muito de respeitar, dos seus vinte anos, aqui o vimos acaudilhando as forças populares de Fafe, no tempo da junta do Porto"* e era *"o homem principal do seu conselho. Será deputado quem ele quiser, será absolvido pelo júri o réu que ele proteger, será intangível das presas da justiça o culpado que as suas telhas cobrirem"*[17].

Além dos predicados sócio-simbólicos enunciados, o autor diz que os Vieiras eram "três denodados jogadores de pau, e tamanho terror incutiram nas cercanias de Fafe que bastaria a qualquer deles, para vencer a sua, mandar o pau e não ir", destacando-lhes o carácter de excepção simbólica na comunidade, o qual se representava em "memorandas façanhas" exibidas pelos Vieiras na celebrada romaria da Senhora de Antime. Considerando-*os "campeadores mascarados, como era de uso em mancebos de famílias de alto porte"*, dizendo ainda *que "Vieira de Castro, cá fora, é o soberbo que sabem: em sua casa é um criado dos seus hóspedes*" [18] o que dá sentido às lutas havidas entre

[17] Castelo Branco, Camilo, *Memórias do Cárcere*,Lisboa, 1º Ed., Parceria A. M. Pereira, Lª, 1862
[18] Idem, Ibidem

aldeias e às tensões individuais, como explica Veiga de *Oliveira «tomando aspecto de uma afirmação pessoal de superioridade por parte dos jogadores que nelas intervinham*».[19]

Por outro lado, a casa dos Vieiras, no Ermo, adquiriu um significado de local de família socialmente prestigiada, ao qual se opunha um outro espaço, envolvente, cuja natureza era rude e rústica.

> *"Nesta casa nasceram o desembargador Luís Lopes Vieira de Castro, e o ministro do estrangeiros e da marinha António Manuel Lopes Vieira de Castro. Hora vão lá inferir do local onde o homem nasce os destinos para que nasce! Daquela natureza tão agra do Hermo, daquelas duas crianças que por ali se criaram entre matagais, quem diria agouro de saídas tão excelentes?!*[20]

A casa dos Vieiras era um espaço de excelência de civilização e Camilo costumava sentar-se no escabelo da sala de espera pintado com as insígnias episcopais, com que o presbítero António Manuel Lopes Vieira de Castro revestira em Viseu, antes de ser ministro. Na casa havia um relógio de parede "*que havia já marcado, minuto a minuto a passagem de uma geração daquela família" e "naquele mesmo ponteiro, quantas vezes os dois mancebos poriam os olhos ansiando o instante aprazado para alguma das afamadas aventuras"*.

Assim, o lugar onde nasceram os "ilustres" Vieira, era um lugar incivilizado, onde estes se distinguiram pela casa e seus atributos:

> *"Aqui estou eu agora atravessando as salas ainda em trevas, no seguimento do criado que me conduz ao quarto do Vieira de Castro", estava "situada no ponto mais despoético e triste no mapa-mundi". Ainda que com estes predicados e sendo a casa magnífica; o escritor contrapõem o edifício e seus proprietários dizendo: "mas os caminhos que a ela vos conduzem são algares, barrocais, trilhos de cabras, vielas tortuosas, e aspérrimos*

[19] Veiga de Oliveira, Ernesto, *Festividades Cíclicas em Portugal*,Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984, pp.325

desfiladeiros. Os pinhais e arvoredos, que orlam parte da quinta, são enfezados e desgraciosos. Os largos pontos de vista, assim mesmo monótonos, é preciso ganhá-los com grande fadiga de subida."[21]

Entre a tradição e a modernidade: o caso de José Cardoso Vieira de Castro

Vem a propósito a figura de José Cardoso Vieira de Castro, a que Camilo se Refere. Era filho de José Luís Lopes Vieira de Castro. Nasceu em 3 de Janeiro de 1838, na Quinta de Moreira, freguesia de São Salvador de Moreira da Maia.

Passa longas temporadas na sua casa do Ermo em São Vicente de Passos, Fafe, na companhia do seu amigo Camilo Castelo Branco.

Aos 15 anos de idade matriculou-se na faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo sido excluído por acórdão do Conselho de Decanos em 5/8/1859. Em 1863, regressa à Universidade. Em 1865, como deputado, inicia a vida pública. Em 1866 são publicados os discursos parlamentares (1865-1866), defendendo no parlamento, em na sessão de 10/1/1865, o projecto das leis da desamortização .

Em 13 de Setembro de 1866 parte para o Brasil com 10. 000 exemplares dos seus discursos parlamentares. No dia 26 de Janeiro de 1867, pronuncia no salão do Teatro Lírico do Rio de Janeiro um discurso sobre a "Caridade".

Em 28/2/1867 casa no Rio de Janeiro, com Claudina Adelaide Gonçalves Guimarães, filha de António Gonçalves Guimarães, natural de Silvares, Fafe, livreiro e Banqueiro na cidade do Rio. Em viagem de núpcias parte para New York, Londres e Lisboa.

Regressa a Portugal, fixando-se na Quinta da Moreira da Maia e em 9 de Maio de 1870, justificando a prática do adultério assassina a mulher, na rua das Flores em Lisboa. É condenado ao degredo para Luanda, para onde parte em 1871, onde veio a falecer em 5/10/1872.

Esta personagem é referida por Camilo como situado, ao nível das atitudes, entre tradição e a modernidade. Por um lado, são-lhe reconhecidos atributos de origem,

---

[20]Castelo Branco, Camilo, *Memórias do Cárcere*,Lisboa, 1º Ed., Parceria A. M. Pereira, Lª, 1862

[21] Idem, Ibidem

ligadas à tradição, em que se evidenciam identidades com os seus ascendentes, demonstradas pela coragem e capacidade de brigar, por outro, as formas e representações dessa atitude manifestam-se noutros palcos (parlamento), usando outros instrumentos de briga, sendo estes de tipo verbal e urbano.

São evidentes as dificuldades em distinguir, as expressões "tradição" e "modernidade" como conceitos em oposição, isto é, como rupturas ou descontinuidades que definem realidades estruturais distintas no tempo.

Atrevemo-nos a definir a expressão: "jogo tradicional" como prática de actos com carácter lúdico, próprios dos naturais de uma localidade, região ou país, em contexto agrário ou camponês e, portanto, do período pré-industrial, nos quais se estruturam dimensões económicas, sociais e simbólicas.

Por outro lado, e para procurar a perspectiva da modernidade, apresentamos o caso de José Cardoso Vieira de Castro descrito, por Camilo, como um urbano típico, educado nos colégios, enfezado e incapaz de pulso para as façanhas do pau. A herança e sucessão da tradição, deu-se pela via feminina: "*a valentia corporal passou para o ramo feminino dos Vieiras. Tem José Cardoso três primos abades em igrejas do concelho de Fafe. Destes, dois revivem a tradição da família, mas não exibem nas feiras e romarias. (...) Os dois abades Vieiras é que sabem quem faz justiça sumária, e nunca injustiça*"[22]

Em oposição, às práticas tradicionais, surgem as de modernidade, representadas por José Cardoso desinserido da prática da briga com o pau, porque, diz Camilo: manifesta medo, foi educado como menino do colégio e foi mimado pelas criadas, o que lhe

[22] Idem, Ibidem

“desnervou” o pulso: “*Se vinha a talho eu florear um marmeleiro inofensivo diante do meu amigo, para logo exclamava ele: «Está quieto, olha que me dás!»”.*[23]

Assim, para os urbanos, o Jogo-do-pau compreenderá a dimensão de desporto e de ginásio, como produto da educação, constituindo, a briga com o pau, a dimensão natural da ruralidade.

Diz Camilo, que o lado feminino de José Cardoso reproduziu em Fafe as características rurais dos jogadores do pau, tendo herdado do tio ministro e do pai desembargador “*o bravo animo fazendo dele um deputado corajoso.”* Esta dimensão de coragem deixa ser uma briga rústica, para incorporar, como expressão de modernidade urbana, a verbe parlamentar.

No que se refere ao jogo do pau, assumido como prática moderna ele é produto de uma aprendizagem em ginásios do “jogo-desporto”, ou seja em contexto de aquisição cultural.

> «A área do sul, o jogo do pau apresenta-se com um sentido diverso, predominando, como dissemos, o jogo-desporto (...), de carácter mais acentuadamente urbano, e tomando mesmo geralmente o aspecto de espectáculo ou exibição competitiva, praticada por jogadores atletas, ginasticados e disciplinados. Em Lisboa, é mesmo essa a única forma que se conhece do jogo do pau”24

Uma das características dos jogos modernos foi ter excluído o “pau” dos actos lúdicos, de tal modo que todos os objectos semelhantes são designados por: stick, taco, etc., incorporando novas significações.

---

[23] Castelo Branco, Camilo, *Memórias do Cárcere*,Lisboa, 1º Ed., Parceria A. M. Pereira, Lª, 1862

[24] Veiga de Oliveira, Ernesto, *Festividades Cíclicas em Portugal*,Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984, p.331

Por outro lado, tanto na tradição como na modernidade, a forma e a matéria dos objectos utilizados nos jogos têm como essência a significação inscrita num complexo esquema de configurações imateriais próprias e variáveis no tempo e no espaço: “nesta romagem (Senhora de Antime) é que os Vieiras, em diferentes anos, quando moços, escreveram com um pau a sua crónica imorredoira”. Daí que o pau-de-jogar, nas sociedades tradicionais, fosse portador de classificação positiva e objecto de distinção social dos jogadores e dos que o possuíam.

O não reconhecimento destes factos, em certa medida, parece explicar a ideia de que os jogos constituem abstractas formas de encontro de praticantes das diferentes modalidades, onde se valorizam as técnicas aplicadas no uso desses instrumentos de jogo (pau, bola, arco, etc.), cumprindo apenas regras, onde se exalta a agilidade, força e se realça exclusivamente o caracter físico, técnico e estético.

Por outro lado, não é feita a distinção entre as diferentes leituras daquilo que é lúdico, restrito e circunstancial, onde as significações simbólicas se reduzem ao mínimo e as classificações se limitam aos pequenos espaços, daquilo que é público, estrutural nas regras e nos participantes incluídos ou excluídos. O jogo, no espaço público, exige vencedores e heróis, esperando-se a transcendência e a celebração das vitórias e dos vitoriosos singulares e plurais.

Estas duas perspectivas sempre estiveram presentes nos jogos, quer nas sociedades tradicionais como nas modernas.

O jogo-do-pau visto na perspectiva de “jogo-combate” e “jogo- desporto” e como jogo tradicional exclui, como em outros jogos, as vertentes económicas, sociais e simbólicas dos praticantes e das comunidades, ignorando que o jogo é o que está para além dele.

Podemos dizer que existe um meta-jogo, onde se configuram atitudes diferenciadas e se representa a sociedade e os grupos que os executam.

É nosso entendimento que o jogo é um conceito com significações distintas. Assim, como qualquer outra manifestação de grupo restrito ou alargado, corresponde a representações diferenciadores, umas vezes fortemente hierarquizadoras e outras vezes muito pouco, quer entre para os praticantes, quer na comunidade que o testemunha, sendo o jogo-do-pau uma prática (briga) de proprietários.

O pau foi o símbolo prestigiante de um grupo que teve, em Fafe, a sua maior representação no século XIX, o qual se manteve até meados deste século. Sabemos que o jogo do pau é uma prática de homens, do qual são excluídas as mulheres, os velhos e as crianças. Para os do sexo masculino, entrar no jogo do pau era o reconhecer-se a entrada no grupo dos adultos e como tal inscrevia-se num rito iniciático e incluía uma aprendizagem técnica prévia.

Estas distinções, próprias das sociedades rurais, não deixam de constituir uma forma de classificação positiva para os homens e negativa para as mulheres e crianças, ocupando estes lugares distintos na escala social-simbólica das comunidades.

No que se refere ao significado simbólico do pau, este incorpora leituras de carácter fálico, às quais se ligam identidades particulares daqueles que detêm o poder e o representam, não só junto da comunidade limitada, como perante as comunidades próximas, onde se definem fronteiras e hierarquias simbólicas entre as comunidades e os respectivos indivíduos.

Assim, ao pau de lodo (lodão) cujas características materiais são: não partir, ser leve e raro, opõe-se, a vara de marmeleiro que é frágil. Se o primeiro é o objecto de

representação masculina [25] e de proprietário, o segundo é próprio para actividades agrícolas: tanger o gado, sendo no seu extremo colocada uma ponta metálica afiada para picar os bois ou vacas nos trabalhos agrícolas. A vara é assim um objecto feminino, para uso dos caseiros, jornaleiros ou das mulheres.

Encontramos, associado ao jogo-do-pau, os referentes particulares do nome, da família e de um sentido de honra próprio dos proprietários rurais, passível de herança e/ou sucessão, os quais se opõem ao jogo lúdico das crianças ou dos pobres desclassificados, onde pouca coisa podia ser jogado na perspectiva do significado social-simbólico.

Disso é exemplo o que acontece no jogo do pião, do botão, da choca, do chincalhão, em que o resultado final ocorre sem qualquer efeito na hierarquia para além daquele que surge entre os praticantes..

Estas diferenciações estão para além dos objectos e dos jogos, ao inscreverem desigualdades e lugares sociais distintos, visíveis em outros modos de estar no social rural, ou seja, jogam-se mas distâncias feitas nos discursos e práticas quotidianas.

Por outro lado, sendo a existência minhota condicionada por propriedades de restrita dimensão e sujeitas a pressões demográficas e sucessórias intensas, a herança do casal ([26] estava permanentemente ameaçada, obrigando a estratégias conflituais permanentes e forçando ao celibato e à emigração muitos dos herdeiros, ao mesmo tempo que impunha estratégias de opção matrimonial fortemente concorrencial.

Estas obrigavam a representações simbólicas de afirmação de prestígio, sendo que as festividades e as ritualizações sociais serviam estes quadros sociais.

---

[25] Idem, Ibidem p.320
Cf. Brandão, Fátima, *Terra Herança e Famíla, Porto,* Afrontamente, 1996

Atrevemo-nos a defender o carácter mágico e simbólico para proceder à interpretação do jogo-do-pau, como uma das forma de ritualizar as complexas relações das comunidades rurais, marcadamente hierarquizadas, onde o simbólico ganha dimensões maiores.

José Cardoso não é exemplo típico da elite rural, " *O meu amigo Vieira de Castro (diz Camilo) no que toca a jogo do pau é o invés completo de seus tios (...) Mas no ardimento da imaginação e atrevimentos de linguagem de Vieira de Castro, escritor, são, na ordem do esforço o paralelo moral com a bravura de seus ascendentes*"

O resgate o jogo-do-pau para a modernidade?

Parece-nos poder concluir que o Jogo-do-pau foi uma prática social dos proprietários rurais minhotos. A ele estavam associados referentes simbólicos próprios da elite tradicional agrária.

A modernidade poderá assumir o jogo-do-pau, na perspectivas de "jogo-desporto", como prática de ginásio, dado que são conhecidas as regras e as técnicas. Porém, os jogos da modernidade possuem referentes de prestígio, com associações a roupas de marcas e objectos de materiais e ligas especiais, bem como à existência de riscos de vida supostamente acautelados, onde o resultado do jogo dependa de circunstâncias não controladas pelos praticantes. Cabe-lhes obter, dentro das regras, o domínio do resultado, pelo que, o resgate desta prática tradicional terá de passar pela inclusão das significações contemporâneas e pela representação simbólica dos elementos de classificação positiva da modernidade .

A exaltação do vencedor, ao passar pela hipotética utilização de determinada marca dos objectos usados (roupas e instrumentos de jogo), provoca a adesão aos heróis pela posse de objectos da mesma natureza e por identificação às suas qualidades de excelência.

BIBLIOGRAFIA

"Brasões do Concelho de Fafe", *Cadernos Culturais*, Fafe, Câmara Municipal de Fafe, 1986

BESSA LUIS, Agustina, A Sibila, Lisboa, Guimarães Editores, 1995

BRAIN O'NEILL, Juan, *Proprietários, Lavradores e Jornaleiros,* Lisboa, Publicações D. Quixote

BRANDÃO, Maria de Fátima, *Terra Herança e Família, Porto,* Afrontamente, 1996

CABRAL, António, *Jogos Populares, Porto,* Domingos Barreiros, 1985

CASTELO BRANCO, Camilo, *Memórias do Cárcere*, Lisboa, 1º Ed., Parceria A. M. Pereira, Lª, 1862

FERREIRA, Joaquim António, *A arte do Jogo do Pau,* Guimarães,Ed. Albino Moreira d'Oliveira, 1866

GARCIA, Rui Proença, "O jogo do pau: do jogo ao desporto", Fafe, *Dom Fafes,* Câmara Municipal de Fafe, 1997

ITURRA, Raul, "Trabalho de Campo e Observação Participante em Antropologia", Santos Silva, Augusto e Pinto, José Madureira, (orgs,), *Metodologia das Ciências Sociais,* Afrontamento, Porto, 1986

MONTEIRO, Miguel T. Alves, *Migrantes, Emigrantes e Brasileiros (1834-1926) - territórios, itinerários e Trajectórias,* Braga, Universidade do Minho, 1996

MONTEIRO, Miguel, "Cultos e Ocultos de Montelongo", *Mínia* - 3ª Série - Ano II - 1994, pp.105-136

Os Brasões do Concelho, Câmara Municipal, 1986

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, *Festividades Cíclicas em Portugal,* Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984

ÍNDICE

O JOGO-DO-PAU COMO REPRESENTAÇÃO DE ESTATUTO E HIERARQUIA NAS SOCIEDADES TRADICIONAIS 1

Estratificação social no Concelho de Fafe 6

O jogo-do-pau como exercício de distinção social rural 14

Os Vieiras: proprietários e jogadores do pau. 18

Entre a tradição e a modernidade: o caso de José Cardoso Vieira de Castro 20

O resgate o jogo-do-pau para a modernidade? 26

BIBLIOGRAFIA 29